

A DIRECTORA DE CENA DE "UM VIOLINO NO TELHADO" ESTÁ SATISFEITA COM TODOS

Acho que nos apaixonamos uns pelos outros



Helena Rocha é uma artista. Os três papéis principais que desempenha na sua vida são o de ser filha, mãe e avó. No entanto, Helena Rocha tem-se desdobrado, ao longo dos seus 64 anos, em múltiplos outros papéis quer no mundo do ensino quer no mundo do espectáculo. A artista que em tempos mobilizou a Praça Batalha e parou o trânsito no Porto é autodidacta na música e na representação.

Mas a turbulência das águas continua, agora, ao ter que gerir o barco de Filipe La Féria. A directora de cena de "Um Violino no Telhado" tem que disciplinar, orientar e solucionar os problemas dos actores dos oito aos oitenta anos que dirige. Apesar dos problemas, da tabela preenchida com louvores e repreensões, a professora, directora de cena e actriz dá nota excelente ao elenco de "Um Violino no Telhado" que considera ser a sua família do Porto.

Helena Rocha diz estar a cumprir um sonho, mas ainda há outro que está na gaveta à espera de ser posto a nu: o sonho de editar o seu livro de poesia.

Por Marisa Pinho

Que idade tem.

Helena Rocha: Costuma-se dizer que os artistas não têm idade. Mas eu tenho 64 anos.

É de Lisboa?

HR: Sou, de Angola, de África.

Quando veio para Portugal?

HR: Primeiro vim para Portugal estudar. Fiz o meu curso em Lisboa. Depois voltei para a África já casada, tive três filhas. Entretanto arrebentou a guerra civil, tivemos que fugir todos e eu fui uma das pessoas que fiz parte daquele grande êxodo e voltei outra vez a Portugal. Em Portugal fui parar à Marinha Grande por acaso. Foi lá que arranjei casa para alugar e é lá que ainda tenho a minha casa.

Três filhas e todas actrizes?

HR: Não, nenhuma é actriz.

Mas por conselho maternal?

HR: Não, eu até gostava. Até tinha orgulho que alguma fosse para o teatro ou para a música. Mas o destino não quis que fosse assim. Lembro-me que quando estava grávida delas sentava-me ao teclado electrónico, que eu tenho, tocava, cantava e punha aquilo no máximo para ver se elas já dentro de mim vinham com a veia da música. Mas não... São umas óptimas filhas, são umas mulheres extraordinárias, mas não são do meio artístico, trabalham noutras áreas.

Nenhuma quis seguir a profissão da mãe...

HR: Não. É preciso nascer com uma centelha, com a tal vocação e elas não têm essa vocação. Pode ser que uma das netas venha a ser.

Já tem netos...

HR: Já tenho netas. Cada filha tem uma filha. Tenho três netinhas maravilhosas.

E gostam de ver a avó a representar?

HR: Adoram, adoram, têm muito orgulho. Todas as peças que tenho feito elas são as minhas maiores admiradoras.

Como é que a Helena Rocha olha para a cidade do Porto e para as suas gentes?

HR: Estou maravilhada com o estado do Porto. Estou aqui há um ano e tal e estou fascinada. Nunca esperei gostar tanto de estar num sítio como gosto de estar aqui, não é para dar graxa a ninguém, mas a verdade é essa: gosto muito de estar aqui. Sou muito bem tratada, muito acarinhada, muito bem recebida em toda a parte, as pessoas são muito afáveis. A vida é mais pura, mais sã. Vim aqui reencontrar uma coisa que achei que já tínhamos perdido e que, felizmente, ainda existe aqui no norte. Vim para aqui com a "Música do Coração".

A Helena tem três filhas já criadas, tem netos, mas mesmo assim é complicado sair do seu núcleo familiar e vir para mais longe?

HR: É. Eu sou muito agarrada à família. Não passo uma segunda-feira sem ir a casa. Não fico bem se não for. Elas também são muito carentes de mim. Somos todas muito ligadas umas às outras. Tenho a minha mãe ainda viva e óptima e a segunda-feira sabe muito bem. À segunda-feira é uma festa. Jantamos todas juntas. Faz-me falta essa ida a casa. Esse regresso ao "ninho", como eu digo, faz-me muita falta para recuperar energias para mais uma semana de ausência e de trabalho.

É um trabalho árduo?

HR: É um trabalho muito árduo. E eu como directora de cena tenho muitas coisas para fazer sem ser representar e muitos problemas para resolver. É uma companhia muito grande. Temos à volta de 104 pessoas no total. Em cena e nos bastidores temos cerca de 50 pessoas e isso significa 50 proble-

mas, porque cada pessoa tem a sua maneira de ser, a sua mentalidade, as suas motivações, os seus sonhos, os seus problemas pessoais. Nós vivemos todos juntos como uma família e isso tudo nos envolve e desgasta.

A segunda-feira funciona então como uma terapia...

HR: A segunda-feira é um relaxar total. Desligo a parte de artista e retomo a parte de filha, mãe e avó.

Os três papéis da sua vida...

É verdade.

Há quanto tempo é actriz?

HR: Eu sempre fiz teatro desde que me conheço, mas em brincadeiras: teatro amador, primeiro nas escolas, depois naquelas associações que há sempre em todas as terras... A via profissional só chegou muito mais tarde, porque entretanto formei-me em Letras e fui professora durante 36 anos. Fiz teatro, nessa altura, na escola, organizei espectáculos com os alunos, com os pais dos alunos, com os encarregados de educação, com o pessoal da secretaria, com o pessoal auxiliar da escola. Fiz revistas que escrevi e que encenei, nas quais também participei, com setenta e tal figuras. Fiz sempre muita coisa em música e teatro, porque essa foi sempre a minha paixão. Depois de vir de África, já mãe e casada, o bichinho do palco, que existe mesmo, começou a atormentar-me e comecei a não me sentir bem, a precisar de alguma coisa que não tinha que era o palco. Por isso, comecei a fazer pequenas incursões na televisão, através dos concursos. Particpei em muitos concursos e ganhei muitos prémios e assim me fui tornando um bocadinho conhecida lá no meio. Até que em certa altura soube, por uma pessoa do mundo artístico de quem sou amiga, que o La Féria ia fazer um *casting* para uma coisa que se chamava "Todos ao Palco" para escolher pessoas que fizessem coisas com ele no teatro, teatro musical, comédia. E eu achei que aquilo era uma oportunidade que não poderia deixar passar. E preparei um *sketch* que ensaiei com um amigo meu da Marinha Grande, um rapaz muito talentoso, arranjei um guarda-roupa dentro das minhas possibilidades da altura e fui para Lisboa para o Teatro Politeama. Ai deparei-me com cerca de 150 pessoas numa fila interminável, todas na rua à espera de

serem ouvidas também no casting. Na altura tinha 51 anos. Eu parecia a avó daquela gente toda. Fiquei sentada no chão durante quatro horas à espera da minha vez. Lá fui. Quando o Filipe La Féria viu o trabalho que eu levava chamou-me e convidou-me logo para entrar no próximo projecto dele. Aquilo caiu-me do céu, de repente sem eu estar à espera. Era o meu sonho de uma vida inteira. Eu não exitei e aceitei. Meti uma licença sem vencimento de um ano e fui fazer então teatro profissional pela primeira vez e aprender. Fui aprender como ainda estou a aprender. Não me considero uma actriz de gabarito, porque, comparativamente com outros, tenho muito pouco tempo de teatro profissional e esta é uma aprendizagem permanente. Estamos sempre a aprender até morrer. E La Féria tem sido para mim um professor.

Qual foi a sua primeira peça com La Féria?

HR: O primeiro trabalho com La Féria foi o espectáculo "Todos ao Palco", a seguir foi um espectáculo muito grande que foi "Os quarenta anos da RTP", no Coliseu. Logo a seguir veio o espectáculo "Faça-se ouvir", também grandioso. Em peça propriamente dita, a primeira que entrei, foi uma comédia para televisão que La Féria fez que se chamava o "Vison Voador" em que também entravam o Luís Aleluia, o Carlos Quintas, a Helena Isabel... E logo a seguir, o Filipe convidou-me para entrar na "Rosa Tatuado". Foi essa a minha peça de carreira e que esteve mais tempo em cena. Eu contracenava com a Rita Ribeiro e com o João Baião. Depois dessa veio o musical "Amália", "My Fair Lady", "Canção de Lisboa", o "Música no Coração", agora o "Violino no Telhado" e vamos ver.

Licenciou-se em Filologia Germânica e deu aulas no Ensino Secundário, paralelamente à via do ensino foi fazendo teatro até que lhe surgiu esta oportunidade de fazer teatro profissional...

HR: Era uma coisa que eu sabia que se não aproveitasse naquela altura, nunca mais, porque há coisas que nos acontecem na vida. Há uma coincidência de situações que são únicas, irrepetíveis. Surgiu-me aquela oportunidade, surgiu-me aquele convite naquele momento naquele lugar e aquilo nunca mais voltaria acontecer. E era um sonho de uma vida inteira, não era uma brincadeira. Era uma vocação. E com isso não se brinca, são coisas muito sérias: a vocação e os sonhos das pessoas. Eu vi que tinha que agarrar aquilo desse por onde desse e foi o que fiz. Agarrei, porque sabia que não podia morrer sem cumprir aquele destino, aquilo estava traçado para mim. E estou feliz! É aqui que eu me sinto realizada. É isto que quero para a minha vida.

E depois voltou às aulas?

HR: Depois voltei às aulas, mas mantive sempre essa ligação com



o teatro.

É uma missão cumprida?

HR: É uma missão que estou a cumprir, nunca está totalmente cumprida.

Já está há cerca de um ano no Porto, mas esteve desde sempre ligada ao teatro de alguma forma. Qual é a sua opinião sobre a acção do teatro no Porto.

HR: Segundo o que me apercebi o Porto tem poucas companhias permanentes de teatro, mas tem muito bons actores, cantores, e músicos. O material humano aqui é de muita e grande qualidade. Faz pena que não haja, a nível de empresas de teatro, a absorção dessa gente. São pessoas com um valor fantástico que estão ávidas de trabalhar e que merecem ser mostradas ao público, porque têm muito para dar. Mas o nosso país está muito mal servido nesse aspecto, porque não há uma política de cultura que apoie. Há meia dúzia de carolas que fazem tudo e dão-se a cem por cento a estas coisas, mas que não têm retorno nenhum e eles sozinhos não conseguem absorver todo o material humano que está disponível. Isso, lamento muito, mas passa-se em Lisboa também. Em todo o país não há uma escola a sério de teatro musical, de musicais da Broadway. Não há! Ora o musical da Broadway é o espectáculo que veio agora substituir a revista portuguesa, porque a globalização tomou-nos actores de mundo já não somos só actores de Portugal, somos de toda a parte. Portanto, em matéria de arte, temos que fazer um produto universal que agrade a toda a gente. Neste momento, é o teatro musical que está na berra. Mas para isso é preciso haver escolas que formem estes rapazes e raparigas cheios de valor e de vocação para o teatro musical. Isso não existe. Existem algumas escolas muito boas, mais aqui no

Eu sempre fiz teatro desde que me conheço, mas em brincadeiras: teatro amador, primeiro nas escolas, depois naquelas associações que há sempre em todas as terras...

Porto do que em Lisboa. Nessas escolas ensinam as crianças pequeninas a terem contacto com a música, com o canto, com o teatro. Em Lisboa também há, mas menos. E as pessoas que têm realmente valor e gosto sentem-se privadas da formação que precisam e aproveitam. Quando fazemos castings aqui no Porto temos centenas e centenas de pessoas que concorrem e que querem trabalhar. É claro, que nós não podemos absorver todas, mas o Filipe La Féria tem absorvido muita gente daqui e tem dado a conhecer grandes talentos do Porto ao ponto de escolher duas pessoas do norte para protagonistas do "West Side Story". Uma é daqui de Gaia, a Cátia Tavares e o Rui Andrade que é de Amarante, mas é do norte também. É um orgulho para o norte ter estes dois nomes e muitos outros que não de ter, de certeza, grandes produções como são as de Filipe La Féria, as únicas em Portugal.

Partilha da ideia de muita gente de que a chegada de La Féria veio revolucionar a bilheteira de teatro no Porto? Ou seja, os portugueses passaram a ir mais ao teatro?

HR: No Porto, em Lisboa e em toda a parte, não tenho dúvida nenhuma. O Filipe La Féria é uma pessoa que vai ficar na história do teatro em Portugal. Ele a nível nacional habituou as pessoas a irem ao teatro. As pessoas não iam ao teatro. Ele conseguiu que de todo o país venham pessoas em camioneta,

diariamente, ao teatro Politeama de Lisboa e aqui também. Muitas dessas pessoas nunca foram ao teatro, vêm pela primeira vez das suas terras, velhinhos, outras até doentes, saem às seis da manhã de toda a parte do país. Vêm a peça e depois fazem a viagem de regresso à meia noite. E o que eles vibram, o que eles aplaudem. E já se habituaram: em cada peça que o Filipe faça tem sempre aquele grupo de pessoas que se inscreve e apanha a camioneta para ir ver. Agora para verem o West Side Story já tem havido grupos daqui do Porto a ligarem para o Rivoli a perguntarem como fazem para ir ver a peça a Lisboa.

É um fenómeno?

HR: É verdade. Porque o Filipe La Féria garante qualidade. E as pessoas não são parvas. As pessoas gostam de teatro, mas gostam do que é bom. As pessoas sabem distinguir. O público não se engana. O Filipe La Féria tem garantido às pessoas, à partida, que é uma boa peça, que é de confiança. A chancela La Féria é a garantia de que as pessoas não vão gastar dinheiro à parva, sabem que vão e que vão gostar. Nunca ouvi ainda ninguém a dizer que não tinha gostado.

E quando chegam as canções? Foi cançonetista na década de 60.

HR: Desde que nasci. Já com um ano de idade já cantava acompanhada pela minha mãe ao piano. Cantei sempre. Entrei em muitos espectáculos de variedades até

que em 1965 fui convidada pelo maestro Fernando Carvalho. Na altura, estava em Angola e entrei num espectáculo. O Fernando Carvalho levou uma revista a Angola e soube que havia aquele espectáculo naquela terrinha e foi ver. Viu-me lá e convidou-me. Eu disse-lhe que estava a estudar em Lisboa e ele disse-me que quando chegasse a Lisboa para o contactar. Quando cheguei a Lisboa contactei-o e ele lançou-me na televisão num programa chamado "Lugar aos novos". Na altura tive um certo impacto, porque era uma moça jovem e moderna. Era muito atrevida na maneira como me apresentava, cantava e me movimentava em palco. Lancei-me na televisão com enorme sucesso, depois apareceu logo o convite para discos, gravei uns poucos de discos, fiz o "Calhambeque" ao mesmo tempo que o Roberto Carlos e combinamos lança-lo ao mesmo tempo: eu aqui e ele lá. Comecei a fazer espectáculos em toda a parte. Cantei em muitas partes do mundo.

Cantava as canções que escrevia?

HR: Nunca escrevi canções. Eram versões. Eram coisas meias rockeiras. Cantei o "Calhambeque", depois o "Zig zag".

(momento musical: Helena Rocha põe e começa a cantar, um bocadinho, uma das músicas que cantava na década de 60).

Gravei umas coisas, fiz muitos espectáculos. Fiz uma vez um festival aqui no Porto, organizado pelo senhor Lopes de Almeida que me contratou. Era um festival com bandas yéyé aqui no Palácio de Cristal, eu fui convidada para actuar e foi uma coisa... até me fica mal estar a dizer isto agora, já se passaram tantos anos... Tive que entrar e sair escoltada de polícias, fui para o Hotel Batalha no meio de escoltas, porque o público todo estava à minha espera, na Praça Batalha, foi preciso cortar-se o trânsito. Uma loucura. Naquela altura teve um impacto grande.

Depois desisti da vida artística quando terminei o curso. Terminei o meu curso e pôs-se o problema: "e agora vou cantar? Então estive a estudar estes anos todos. Gastei tanto dinheiro neste curso e agora vou metê-lo na gaveta e vou cantar? E depois se as antigas não dão? Quando eu for para começar a trabalhar já não posso entrar para o Estado como professora." Comecei a ficar com medo. Não tinha segurança nenhuma nem reforma nem assistência médica. Os meus pais também me pressionaram muito a dizer que aquilo era uma loucura que as cantigas eram quimeras que um dia estavam muito bem e que no outro dia o público já se tinha esquecido... Depois em simultâneo apaixonou-me, resolvi casar e comecei a pensar "também para casar e depois a andar a cantar por aí, a ter filhos e a criá-los a cantar ao mesmo tempo, não podia ser". Então abdiqueei da música e optei

Audiência

ENTREVISTA

Fiz sempre muita coisa em música e teatro, porque essa foi sempre a minha paixão. Depois de vir de África, já mãe e casada, o bichinho do palco, que existe mesmo, começou a atormentar-me e comecei a não me sentir bem, a precisar de alguma coisa que não tinha que era o palco

pela via do ensino, da mulher casada e mãe.

Arrependeu-se?

HR: Por um lado, já estou como o Tevey (risos), hoje tenho a minha reforma como professora, estou a fazer teatro que é o que gosto e se me faltar o teatro não morro de fome, porque estou segura com a minha reforma. Aí estou melhor do que qualquer pessoa. Estou bem nesse aspecto. Por outro lado, sofri bastante com esta renúncia. Não fui feliz enquanto não voltei para o palco e passei ali uns anos muito angustiada.

A Helena disse há pouco que fez televisão, mas também fez rádio...

HR: Sim, fiz muita rádio. Fiz entrevistas na rádio. Fiz uma rádio novela cómica escrita por mim e interpretada por mim com um grupo de amigos que transmitíamos em episódios semanalmente no Rádio Clube Marinhense. E tive também um programa na Rádio Clube Marinhense.

E telenovelas?

HR: Já participei esporadicamente na novela Ganância e na Floribela. Mas foi uma participação pontual. Nunca fiz nenhum grande papel numa novela, mas gostava muito.

Rádio, televisão, teatro... Qual é o meio que lhe dá mais prazer trabalhar?

HR: Eu gosto muito de teatro, mas

também gosto muito de televisão. Há pessoas que têm uma certa relutância em trabalhar em televisão, mas eu não. Gosto muito de televisão. De rádio também. Eu gosto de representar e de cantar seja onde for, mas onde eu tiver mais visibilidade, que é na televisão, eu gosto, porque gosto que o público me conheça, que me acarinie na rua.

Não se sente incomodada?

HR: Não, gosto muito.

Na sua opinião, um bom actor tem que passar pelo teatro ou tal como o Alexandre Falcão acha que pode-se ser bom actor só se tendo feito televisão ou cinema?

HR: Eu acho que a grande escola de representação são as tábuas. Como dizia a dona Palmira Bastos "é nas tábuas que se aprende". As tábuas são o palco. É no palco que se aprende. Podemos vir de uma grande escola de teatro, podemos ter muitos cursos de teatro, mas é em cima das tábuas que se aprende. Claro que depois podemos aproveitar o que aprendemos e transferir para a televisão, que é uma técnica diferente, em cinema há outra técnica diferente, mas para mim a base dessas técnicas todas são as tábuas, o palco. Um bom actor tem, a meu ver, que passar pelo palco

Há pouco falou-nos do talento que existe no Porto. Como é trabalhar**com estes novos actores que compõem o elenco de "Um Violino no Telhado".**

HR: Eu quando cheguei aqui ao Porto para fazer "Música no Coração" vinha também para directora de cena. A directora de cena é uma figura importante no teatro, mas com uma imagem um bocadinho repressiva, porque é a senhora que ralha, que impõem disciplina e ninguém gosta de ser repreendido e de ser posto em silêncio. Os jovens de agora vêm das escolas com poucos hábitos

de disciplina, de silêncio e de respeito. Muito poucos. Eu sei disso, porque venho da escola. Portanto, quando eles chegam ao local de trabalho, neste caso é o teatro, eles transportam todos os maus hábitos que trazem uns de casa outros da escola. Eu ali deparo-me com uma companhia com pessoas desde os oito anos de idade até aos oitenta, passando por todos os jovens e adolescentes. Tudo gente diferente, com *backgrounds* diferentes, com educações diferentes. Eles esta-

vam todos um pouco receosos, porque eu trazia uma certa fama de ser exigente e ríspida. E quando o La Féria escolhe uma pessoa para ser director de cena, normalmente, ele quer uma pessoa em quem ele possa confiar, ele não está, mas sabe que as coisas correm na linha. E para isso é preciso ser uma pessoa com alguma autoridade e capacidade de liderança. Quando eu vim a companhia recebei-me um bocadinho de pé atrás como quem diz "deixa lá ver o que me espera com esta fulana". Eu também, pelo meu lado, vinha também um bocadinho receosa a pensar que ia encontrar uma companhia com maus hábitos, meninos que eu não conhecia, depois sabia que havia uma certa rivalidade norte-sul e nós vínhamos do sul para o norte. Estávamos todos receosos de parte a parte, mas acho que com o tempo os conquistei e eles a mim. E, agora, eu estou irremediavelmente presa a esta gente. É a minha família daqui do Porto. Eu sei que se precisar, seja do que for, eles vêm a correr socorrer-me. Isto é uma coisa que não existe nos tempos de hoje senão aqui.

Acho que nos apaixonamos uns pelos outros. E hoje somos um grupo fantástico.

Portanto são jovens com talento e disciplina...

HR: Eu ralho na mesma, não deixei de ralhar. Eles sabem que quando é preciso ralhar eu ralho, mas também quando é preciso louvar eu louvo. Eles sabem que eu sou muito amiga deles, mas estar do lado deles não quer dizer permitir tudo. Pelo contrário, os mais jovens têm muito que aprender ainda. Daí que eu tenho que estar ali com toda a atenção e com muito cuidado para tentar levar as coisas da melhor forma possível, por vezes firo susceptibilidades e ofendo sem querer. Às vezes sem querer magoamos as pessoas... não é muito fácil.

E os mais velhos também são disciplinados?

HR: Há de tudo. Há pessoas mais crescidas que dão mais trabalho do que os pequeninos e há outras que não. Há outros que colaboram comigo que me ajudam. Tenho pessoas mais velhas que me ajudam a levar a cabo a minha tarefa. Não tenho razão de queixa nenhuma, pelo contrário só tenho bem a dizer.

A Helena Rocha é directora de cena e é uma ex-professora secundária, portanto pedia-lhe uma avaliação geral dos actores de "Um Violino no Telhado".

HR: Como pessoas são fantásticas. Como actores, fiquei surpreendida com a qualidade artística destas pessoas. Há cantores fabulosos, há actores muitíssimos bons, bailarinos muito bons, músicos fantásticos. Só posso dizer bem, realmente.

Dava a nota máxima: muito bom?

Helena Rocha é a música, artista de musical e de comédia

O período dos discos que gravou e das canções que cantou foi uma fase que já passou ou a ideia de poder gravar outro disco com canções suas pode não ser ficção?

HR: Eu continuo muito ligada a canções. Comprei um teclado electrónico há alguns anos. Nunca aprendi música, não conheço uma nota, mas com o teclado eu toco tudo e canto, acompanho-me a mim própria. Faço actuações se for necessário ainda hoje seja onde for acompanhada por mim mesma.

Há também um cantor que tem 65 anos e que não conhece uma nota que é o José Cid.

HR: Há pessoas que já nascem com uma certa aptidão para estas coisas. Tenho uma pessoa amiga que tem formação e sabe muito de música e uma vez apresentou-me a umas pessoas com formação musical e disse "apresento-vos a música, esta senhora é a música" e eu perguntei porquê se não percebia nada e ela disse-me: "olhe, porque é uma pessoa que já nasceu numa determinada fase que nós só atingimos com não sei quantos anos de aprendizagem". Realmente tenho facilidade. Sei muito bem onde os meus dedos têm de ir para procurar a nota certa, não sei explicar porquê. Há um ouvido muito apurado. E para escrever é a mesma coisa para as letras das cantigas e poesia. Também escrevo poesia. É fluente em mim.

Com o gosto e talento para a música e representação podemos afirmar que o género teatral que lhe dá mais gozo fazer é o musical?

HR: Eu acho que nasci mesmo com as características específicas do musical.

É o género que se sente melhor?

HR: Sim. E comédia. De preferência um musical cómico. Na "Canção de Lisboa" eu fazia de uma das tias do Vasco Santana e delíciei-me. É realmente o que gosto de fazer. Espero vir a fazer ainda, se tiver saúde para isso, algum outro papel assim.

No entanto é o mais difícil, não é?

HR: Dizem que sim. Dizem as pessoas entendidas, que não sou eu, que há os chamados tempos de comédia. O comediante tem tempos certos e isso é instintivo não se aprende em escola nenhuma. Se a pessoa lançar a piada no tempo exacto, a piada consegue um efeito fantástico no público. Agora, a mesma piada dita fora do sítio exacto já não funciona. A pausa tem que ser nem mais nem menos do que tem que ser. É uma medida que não sei onde foram buscar ou onde está escrito, mas é uma coisa instintiva. Gosto muito de sentir, quando o público reage e se ri, que cumpro o tempo de comédia sem querer.

HR: Dava excelente.

Por vezes pode acontecer em cena os actores esquecerem-se do texto, terem uma branca, rirem-se ou qualquer outro episódio que corra menos bem. Como é que um director de cena lida com estas situações? É plausível haver sanção?

HR: Nós os directores de cena temos um mecanismo de punição chamado "tabela" que é uma folha de papel que eu todos os dias afixo na parede com o número do espectáculo, a data, com os avisos do dia seguinte (amanhã vai haver um ensaio, vai ser entrevistado o actor X, ...). Tudo o que houver a fazer no dia seguinte é afixado naquele papel. Ninguém tem desculpa de não saber, porque ninguém sai do teatro ou entra sem esse papel. Nesse papel, às vezes é preciso pôr uma repreensão ou chamada de atenção para um actor que, na minha opinião, não agiu bem na véspera. Então tenho que colocar na tabela essa chamada de atenção. O que é uma coisa muito desagradável para mim e para o actor. Mas às vezes é necessário. Quando um actor também faz qualquer coisa muito boa como salvar um colega de uma situação, substituir um colega numa emergência, eu ponho lá um louvor. A tabela é algo que nos trás a nós directores de cena muitos problemas, porque há pessoas que não gostam de ser chamadas a atenção e ficam zangadas e aborrecidas comigo. Mas é a minha função e eu não posso deixar de a fazer contra tudo e contra todos.

E em "Um Violino no Telhado" tem acontecido muitas repreensões? Já está em cena há muito tempo...

HR: Não muitas, mas de vez em quando já aconteceu. Quando são coisas sem grande importância eu até finjo que não vi ou que não soube. Quando são coisas que não afectam o espectáculo, porque a minha função é fazer com que o espectáculo seja respeitado na íntegra tal e qual como foi encenado no primeiro dia. Não posso deixar deteriorar. Agora, quando há uma coisa qualquer que, na minha opinião, prejudicou a cena, essa pessoa, seja quem for, vai para a tabela. Ou própria já me coloquei a mim na tabela. Eu até facilito mais em relação aos outros do que a mim.

Como é trabalhar com Filipe La Féria?

HR: O Filipe La Féria é um génio. Eu trabalho com ele há 13 anos seguidos sem parar. Trabalhar com o Filipe é uma aprendizagem muito grande e é um prestígio para qualquer currículo. Como pessoa ele é génio e como génio que é tem a sua maneira de ser própria de uma pessoa excêntrica. Ele tem que exigir a duzentos por cento para poder ter os cem por cento. E para exigir o que ele quer de pessoas que não estão habituadas nem a obedecer nem a trabalhar nem a serem chamadas a atenção é um

trabalho árduo. Logo o Filipe La Féria só consegue atingir aquela perfeição em cima do palco à custa de ralhetes, raspanetes, nervos, gritos, horas a fio de trabalho exaustivo até mais não, até ao limite. Trabalhar com ele não é fácil e só quem tem paixão por isto é que aguenta. Quem não tem paixão desiste a meio. Os que estão lá é porque têm paixão por aquilo senão já não lá estavam.

Identifica-se com o feito e personalidade de Filipe La Féria?

HR: Em certos aspectos temos coisas em comum. Temos os mesmos objectivos, temos o mesmo desejo de nos aproximarmos cada vez mais da perfeição. Temos o mesmo amor ao teatro, embora o amor não se mede. A paixão pelo teatro é muito semelhante. Eu tenho também uma certa criatividade e loucura... A maneira de atingirmos os objectivos é que é diferente. Ele tem a maneira dele e eu tenho a minha. Ele também tem uma posição que eu não tenho e a minha posição não é a dele. Mas eu penso que na generalidade estamos imbuídos no mesmo espírito.

Tem sido uma eterna companheira de Filipe La Féria há 13 anos consecutivos quer como auxiliar na gestão das peças quer como actriz.

HR: Já nos aturamos muito um ao outro, mas temos uma amizade real e temos uma consonância fantástica. Quando estamos a fazer uma peça os dois, a escrever, a fazer as cantigas e a idealizar ele pede-me opiniões e eu faço o possível para lhe dar a melhor colaboração. Eu sinto que estamos em sintonia, estamos em consonância perfeita. Eu percebo exactamente o que ele quer que a peça seja e então procuro contribuir para isso.

É também tradutora das peças de La Féria.

HR: Como tenho formação em germânicas – Alemão e Inglês – tenho ajudado o senhor Filipe La Féria na tradução das peças e a fazer as letras das cantigas, o que também me dá um prazer fantástico, porque é um trabalho criativo e dá-me muito gosto depois ouvir no palco as coisas que eu escrevi, que me lembrei, que criei. E fazer este trabalho é realmente para aquilo para que nasci.

Como vê o actual estado de "dormência" do Teatro D. Maria II, como afirmou recentemente a ex-ministra da cultura, Isabel Pires de Lima?

HR: Isto tudo vai bater ao mesmo: a

falta de uma política cultural no país. Dão-se subsídios a pequenas companhias, que fazem espectáculos com oito pessoas. Às vezes subsídios fabulosos. E as companhias que realmente apresentam trabalhos que atraem o público, porque o teatro faz-se para o público, não recebem nada. Sem público o teatro não existe. Pode ser uma linda peça, mas sem público não existe. E as peças que realmente o público gosta não têm subsídios. Põem-se os amigos a dirigirem o teatro. Enquanto estivermos com esta política isto não vai para a frente, é impossível. Enquanto houver um Filipe La Féria tudo bem, porque o Filipe é um homem com muita coragem que se atira para a frente. Corre os riscos todos que há a correr para fazer um bom espectáculo. Mas o Filipe La Féria não é eterno, não há outro Filipe La Féria. E ninguém vai estar a sujeitar-se a fazer um espectáculo para perder dinheiro. Ou vai da carolice de alguns ou então o governo não vai fazer nada para estimular a cultura em geral e o teatro em particular.

Depois de "Um Violino no Telhado" o que se segue? Com ou sem La Féria?

HR: Depois de "Um Violino no Telhado" será com La Féria com um projecto que ele irá fazer aqui no Porto para o próximo ano.

Não nos pode desvendar nada?

HR: Eu também não sei ainda muito bem. O próprio La Féria ainda está a estudar várias hipóteses e para já ainda não anunciou a sua decisão definitiva.

Tem algum sonho que gostasse de concretizar pessoal ou artístico?

HR: O meu sonho agora é publicar o meu livro de poesia. Era o meu sonho. Já está escrito, mas não tenho editora e nem conheço ninguém. E agora com a vinda aqui para o Porto não sei o que fazer com ele. Mas de qualquer maneira ele está pronto e ficará para as minhas netas... mas eu gostava de o ver nos escaparates. É um sonho que já tenho há muitos anos.

Os percalços acontecem

Enquanto La Féria não está, podemos dizer que é a Helena Rocha que gere o barco. Qual é o peso desta responsabilidade?

HR: Enorme. A responsabilidade que eu tenho é enorme. Às vezes até me angustia saber que tenho um espectáculo daqui por um bocado e fico um bocadinho ansiosa com medo do que possa acontecer, porque têm acontecido muitas coisas. E quando chega às 9h30 e o espectáculo começa e está tudo bem, está tudo em ordem, é muito bom. Mas mesmo assim, durante o espectáculo eu estou numa angústia, porque pode haver uma falha na luz, um a falha no som...

O que sentiu das duas vezes que o palco esteve para não abrir no meio do espectáculo na cena do taberneiro?

HR: Já aconteceram alguns percalços, porque os espectáculos do La Féria têm uma tecnologia fantástica e quanto mais tecnologia há, maior é o risco de falha. Há muita coisa para conjugar naquele momento e as mãos humanas são humanas. Portanto, muitas vezes acontece. Ou falha um mecanismo ou deixa de funcionar uma coisa qualquer que deveria funcionar...

Às vezes são coisas que o público nem nota. Agora, quando é uma coisa mais notória que foi esse caso que mencionou tivemos que puxar uma cena à frente, porque houve um problema no cenário atrás e então fechou-se uma cortina e a cena foi toda puxada à frente dessa cortina até se remediar esse problema. Quando o problema ficou remediado levantou-se a cortina e tudo continuou normalmente. É claro que nisso aí eu nem sei descrever como nós estávamos. Mas não sou só eu, somos todos. Nós ali funcionamos em bloco. Mas ficamos num estado de nervos tremendo.

Mas a Helena tem que pôr água na fervura...

HR: Andamos ali eu, os técnicos, a contra-regra anda tudo a ver da melhor maneira, porque o espectáculo tem que continuar. Houve uma vez que a casa não girou. A parte do interior da casa não apareceu e teve que se fazer todas as cenas do interior da casa da parte da frente. E foi graças ao José Raposo, à Rita Ribeiro e a todos os actores que fizeram aquilo com a maior das naturalidades, até improvisaram os movimentos. As pessoas que estavam a ver naquele dia nem se aperceberam que era suposto a casa girar. Mas nós lá dentro... bem... não sei descrever.

Também é da sua responsabilidade nesses momentos acalmar os outros...

HR: Exactamente. E depois tem-se que se telefonar ao senhor Filipe e ele fica muito nervoso. Ele também está longe, não nos pode valer, temos que ser nós a resolver. Mas graças a Deus temos resolvido tudo. São coisas naturais. Não há peça nenhuma que não tenha os seus percalços. E esta, com tanta tecnologia é natural que aconteçam destas coisas. Estamos sempre com medo, mas normalmente as coisas correm sempre muito bem.



O musical da Broadway é o espectáculo que veio agora substituir a revista portuguesa, porque a globalização tornou-nos actores de mundo já não somos só actores de Portugal, somos de toda a parte. Portanto, em matéria de arte, temos que fazer um produto universal que agrade a toda a gente.